

ENTENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA





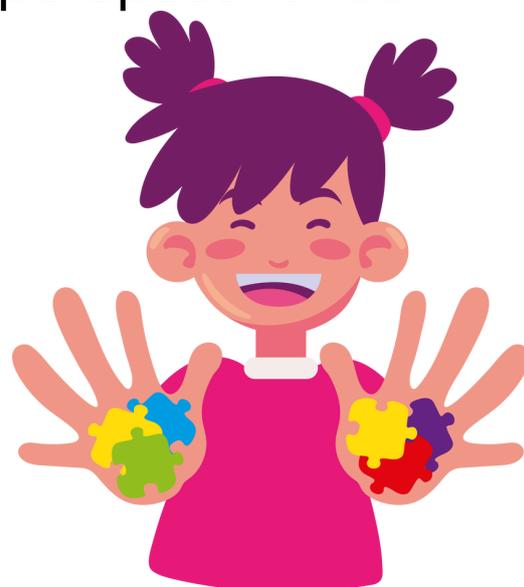
Estratégias para apoiar os estudantes com Transtorno do Espectro Autista

Um guia para professores do Programa de Educação Precoce, Educação Infantil e Anos Iniciais da Rede de Ensino de Sobradinho.

Sobradinho, 2024.

Sumário

1. Elementos estruturantes da organização didática da aula
2. Promovendo a educação inclusiva
3. Capacitismo
4. Quem é o estudante TEA?
5. Curiosidades sobre o TEA
6. Controle inibitório
7. Autorregulação
8. Comunicação alternativa e aumentativa (CAA)
9. Dicas práticas
10. Sugestões de recursos
11. Construindo o relatório
12. Relatório pedagógico na perspectiva da avaliação formativa
13. Referências bibliográficas



Diversidade é convidar
para a festa, inclusão é
chamar para dançar.

VERNA MYERS

ENTENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

*Elaborado pela Equipe de Apoio
Intermediária da Unidade de Educação
Básica de Sobradinho*

Alessandra Curvello - Coordenadora
Intermediária da Orientação Educacional;

Helen Mercês - Coordenadora Intermediária
da Educação Especial;

Janaína Pereira - Coordenadora
Intermediária da Educação Especial;

Juliana Comin - Coordenadora Intermediária
do Serviço Especializado de apoio à
aprendizagem;

Ricardo Neri Queiroz - Chefe da Unidade de
Educação Básica de Sobradinho

Marcílio Lacerda Almeida - Coordenador
Regional de Ensino de Sobradinho

Elementos estruturantes da organização didática da aula

Um professor precisa conhecer os elementos estruturantes didáticos de uma sala de aula por várias razões:

Planejamento Efetivo: Conhecer os elementos didáticos permite ao professor planejar aulas de forma mais estruturada e eficiente, garantindo que os objetivos educacionais sejam alcançados.

Engajamento dos estudantes: Compreender os elementos estruturantes ajuda a criar um ambiente de aprendizagem mais envolvente e estimulante para os alunos, promovendo maior participação e interesse.

Diferenciação de Ensino:

Conhecimento aprofundado dos elementos didáticos permite ao professor adaptar seu ensino às diversas necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos, oferecendo suporte adequado a cada um.

Gestão de Sala de Aula:

Entender a dinâmica da sala de aula ajuda a manter um ambiente organizado e propício ao aprendizado, facilitando a gestão de comportamentos e a implementação de atividades didáticas.

Avaliação Eficiente:

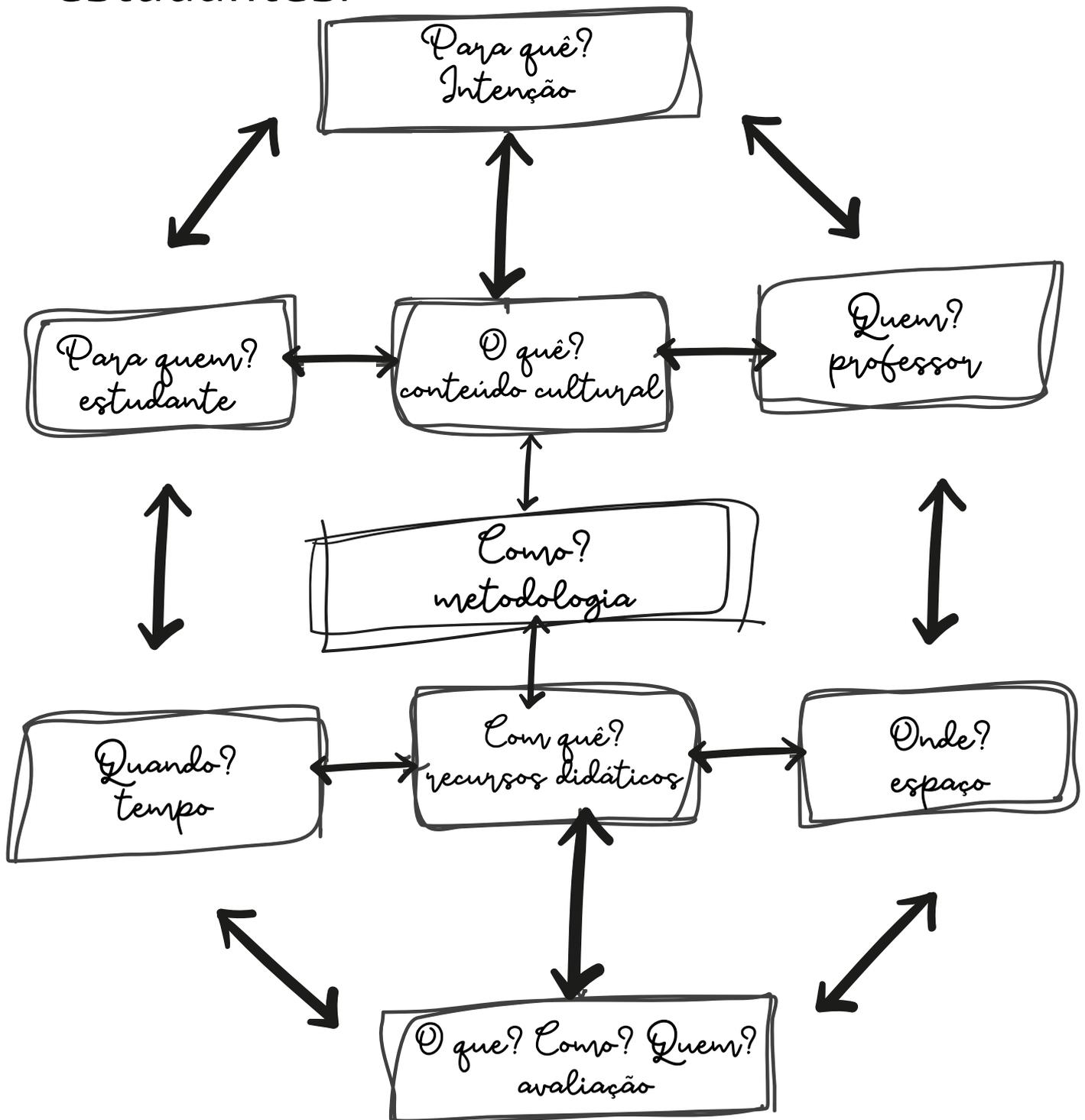
O conhecimento dos elementos estruturantes facilita a elaboração de avaliações mais justas e adequadas, que realmente verifiquem o aprendizado dos alunos de acordo com os objetivos estabelecidos.

Inovação Pedagógica: Compreender esses elementos permite ao professor experimentar e implementar novas metodologias e tecnologias educacionais, melhorando continuamente a qualidade do ensino.

Resolução de Problemas: Um bom entendimento dos elementos didáticos permite ao professor identificar e resolver problemas que surgem durante o processo de ensino-aprendizagem de maneira mais eficaz.

Esses elementos incluem o planejamento de aulas, a organização do espaço físico, a escolha de recursos didáticos, a definição de estratégias pedagógicas, a gestão do tempo e a avaliação dos alunos, entre outros.

A compreensão e a aplicação desses elementos são essenciais para a criação de um ambiente de aprendizagem que favoreça o desenvolvimento integral dos estudantes.



Promovendo a educação inclusiva

Desde 1994, com a proclamação da Declaração de Salamanca (UNESCO), a escola regular deve ser capaz de educar todos os alunos que a frequentam. Educar “todos, com todos”, sendo assim, precisamos valorizar todas as características dos alunos independentemente das suas experiências ou condição social, promovendo valores de interação, solidariedade, valorizando e apoiando o desenvolvimento de diferentes identidades. E essa é uma tarefa complexa, pois a escola tradicionalmente assumiu valores de seleção, transmissão e uniformidade, dificultando a transformação em ambientes educativos *para todos*. E é possível transformar esse ambiente educativo?

Promovendo a educação inclusiva

Primeiramente, criou-se a ilusão que se houvesse um laudo/ diagnóstico saberíamos como atuar com o estudante, como um tratamento derivado de prescrição. Esse modelo não considera as variáveis envolvidas na aprendizagem. Analisando experiências de sucesso, percebe-se que muitas escolas modificaram os seus recursos formando professores, mudando a organização da escola, alterando os modos como se ensina e como se aprende, fazendo mudanças significativas nos seus valores e nas suas práticas. Ou seja, essas escolas tendem a colocar em prática valores inclusivos sem esperar que todas as competências e recursos estejam reunidos e prontos para serem usados.

Promovendo a educação inclusiva

É importante frisar a necessidade de se pensar na diversidade do processo de aprendizagem quando se projeta um ensino para todos, pois, se a forma de aprender de cada estudante não for respeitada, corre-se o risco de dar continuidade a um ensino tradicional, homogêneo e excludente. Finalizando, faz-se necessário a criação de um ambiente escolar de respeito pelos Direitos Humanos de todos. Sem esquecer que os Deveres são indissociáveis dos Direitos e que o primeiro dever humano é tornar possível os direitos dos outros.



Capacitismo

O capacitismo, uma forma de opressão que estigmatiza pessoas com deficiência por considerá-las incapazes de realizar atividades devido a corpos ou mentes divergentes do padrão aceito, é expresso por atitudes sociais, intencionais ou não. Essas atitudes, que podem incluir termos pejorativos, olhares ofensivos e comportamentos protetores disfarçados, contribuem para a consolidação do imaginário social que associa certos grupos à fragilidade e dependência, reforçando a noção de inferioridade e limitações impostas pelo capacitismo.

Capacitismo

Ou seja, pessoas com deficiência são frequentemente vistas como inferiores e menos capazes. Isso se manifesta na crença de que eles não podem participar plenamente na educação, relacionamentos, empregos ou na vida familiar, apesar de a deficiência ser apenas uma característica, assim como a cor da pele ou o peso.



Quem é o estudante TEA?

O aumento constante da matrícula de pessoas com deficiências na Educação Básica é evidente, sendo o Transtorno do Espectro Autista (TEA) um dos mais prevalentes. Estima-se que existam cerca de 6 milhões de pessoas com TEA no Brasil, com base em dados do CDC que indicam que 1 em cada 36 indivíduos está no espectro do autismo nos Estados Unidos. O TEA é caracterizado por déficits na interação social, comunicação e interesses restritos, afetando a rigidez da rotina, a sensibilidade sensorial e a forma de aprendizado (FERREIRA, 2022).

Quem é o estudante TEA?

As manifestações dessas diferenças são influenciadas pelo nível de desenvolvimento e gravidade do autismo, justificando o emprego do termo "espectro" para refletir a diversidade de desafios e habilidades de cada pessoa. O TEA é heterogêneo e é considerado pelo movimento da neurodiversidade como uma variante cerebral na humanidade, que faz parte da riqueza da diversidade humana (FERREIRA, 2022).



Classificação/ nível de suporte

- **Nível 1** – pessoas bastante funcionais que necessitam de pouca intervenção (mesmo com dificuldades, pode não possuir problemas cognitivos ou sensoriais);
- **Nível 2** – pessoas relativamente funcionais que necessitam de muita intervenção (dificuldades em se comunicar e interagir, geralmente com transtornos sensoriais e na linguagem);
- **Nível 3** – pessoas muito pouco funcionais apesar de muita intervenção (rigidez no comportamento, déficits cognitivos, transtornos sensoriais e de linguagem aumentados)

Comorbidade no TEA

Epilepsia

Deficiência intelectual

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade TDAH

Tiques e Síndrome de Tourette

Distúrbio do sono

Distúrbios do Humor
Maior tendência a depressão, sobretudo em TEA nível 1.

Transtorno Obsessivo Compulsivo - TOC

Transtorno de ansiedade (medos e fobias específicas)

Fonte: FERREIRA, 2022.

Quem é o estudante TEA?

As dificuldades encontradas no atendimento dos estudantes TEA não são exclusivas, fazem parte do desenvolvimento infantil porém, podem se apresentar de forma mais intensa de modo a influenciar o processo de aprendizagem, necessitando de apoio constante e intenso. Dentre essas dificuldades, encontram-se:

- Manter a atenção em assuntos que não sejam do interesse;
- Na compreensão da leitura;
- Linguagem imatura;
- Em compreender sob a perspectiva do outro;
- Em realizar atividades grafomotoras;
- Dificuldades matemáticas em séries mais avançadas devido à má compreensão da leitura;

Quem é o estudante TEA?

- Em compreender comportamentos não verbais como: expressão facial, emoções, sinais corporais, etc.;
- Em seguir várias instruções ao mesmo tempo;
- Em lidar com estímulos sensoriais por possuírem hipersensibilidade ou hipossensibilidade;
- Em iniciar, manter ou finalizar um diálogo;
- Em lidar com alterações na rotina;
- Em interagir ou participar em atividades em grupo;
- Em áreas específicas das funções executivas como: atenção, planejamento, memória de trabalho, flexibilidade cognitiva, fluência verbal;
- Em manter a Atenção Compartilhada;

Quem é o estudante TEA?

É importante salientar que, além das dificuldades apresentadas, os estudantes com TEA também possuem potencialidades que podem e devem ser evidenciadas, dentre elas destacam-se:

- Maior apreciação ao detalhe (são excelentes em julgamentos estéticos, sobretudo, no âmbito musical e em artes visuais);
- Perspectiva sensorial aprimorada (que permite que consigam melhor perspectiva espacial, retratando paisagens com maiores detalhes por exemplo;
- Maiores aprendizados em áreas de interesses específicos;
- Elevada facilidade em reconhecer padrões;
- Habilidades visuais aumentadas (boa memória visual);

Quem é o estudante TEA?

Sendo assim, faz-se necessário como primeira ação a ser realizada para acolher o estudante em sala de aula, conhecer o estudante, saber o que gosta, o que não gosta, pontos fortes e desafios. É importante que a equipe pedagógica da escola realize uma reunião com a família para conhecer esses pontos e, juntos, traçar o melhor caminho para a inclusão escolar. É válido ressaltar que nem todos os estudantes TEA possuem as mesmas dificuldades, habilidades ou potencialidades. Por isso é tão importante conhecer o seu estudante, ler os relatórios da equipe de apoio (quando houver) ou professores anteriores e solicitar o suporte do AEE sempre que necessário.

Curiosidades sobre o TEA

"*Meltdown*" é um colapso comportamental, comum em pessoas com TEA, confundido com "birras". É utilizado pelo autista para expressar seus sentimentos.

"*Shutdown*" é a diminuição na capacidade de processar informação. A pessoa fica parada, lenta, cansada, adormecida, até repor as energias perdidas em situações de alta demanda.

"*Stimming*" são as estereotípias ou movimentos repetitivos realizados pelo autista, como: balançar as mãos ou o corpo, pular, girar, correr, etc. Ajuda-os a regular suas emoções e processar seu ambiente sensorial.

Cada estudante autista é único em suas necessidades e habilidades. Todos podem aprender na escola, embora de maneiras diferentes. É fundamental entender as limitações e potenciais de cada aluno para estimular seu desenvolvimento social e acadêmico. A interação diária entre crianças típicas e atípicas oferece aos estudantes com TEA a chance de expandir seus horizontes e identidade, já que buscam ampliar suas interações sociais.

É fundamental que os professores compreendam conceitos como controle inibitório e autorregulação ao trabalhar com estudantes com TEA, a fim de criar um ambiente inclusivo, favorável e adaptado às necessidades individuais de cada aluno, promovendo sua participação e progresso acadêmico. Abaixo, abordaremos os seguintes tópicos:

- Controle inibitório;
- Autorregulação;

Controle inibitório

O controle inibitório refere-se à capacidade de uma criança controlar ou inibir impulsos, comportamentos ou respostas inadequadas em determinadas situações. Essa habilidade está relacionada à regulação do comportamento, à atenção seletiva e à capacidade de pensar e agir. O controle inibitório é essencial para o desenvolvimento de habilidades como autocontrole, tomada de decisões conscientes e adaptação a diferentes contextos sociais, acadêmicos e emocionais. Crianças com um bom controle inibitório tendem a ter melhor desempenho acadêmico, relações sociais mais positivas e maior capacidade de lidar com situações desafiadoras.

Controle inibitório

Crianças com TEA podem apresentar dificuldades significativas em regular seus comportamentos, o que pode se manifestar em desafios como dificuldade em mudar de uma atividade para outra, comportamentos repetitivos, reações intensas a estímulos sensoriais e dificuldade em antecipar consequências. O desenvolvimento do controle inibitório em crianças com TEA pode ser mais lento e requer estratégias de ensino específicas e apoio personalizado para ajudar a criança a regular seus impulsos, melhorar a atenção seletiva e adaptar seu comportamento em diferentes situações sociais e acadêmicas.

Brincar é sempre a melhor maneira de ensinar a estimular as crianças a desenvolverem habilidades e competências. Separamos alguns jogos e brincadeiras para os professores estimularem seus estudantes.



Mestre mandou

Uma versão adaptada do jogo "Mestre mandou" pode ser eficaz. O professor pode dar comandos simples, incentivando os alunos a seguirem apenas quando a frase começar com uma instrução como "Mestre mandou." Isso ajuda a trabalhar a capacidade de resistir ao impulso de agir sem pensar.



Jogos de imitação

Atividades que envolvem imitação podem ser úteis. O professor pode realizar movimentos simples e pedir aos alunos que imitem esses movimentos. Isso ajuda a desenvolver a habilidade de controlar a resposta imediata e agir de acordo com as instruções.



Jogos de memória e atenção

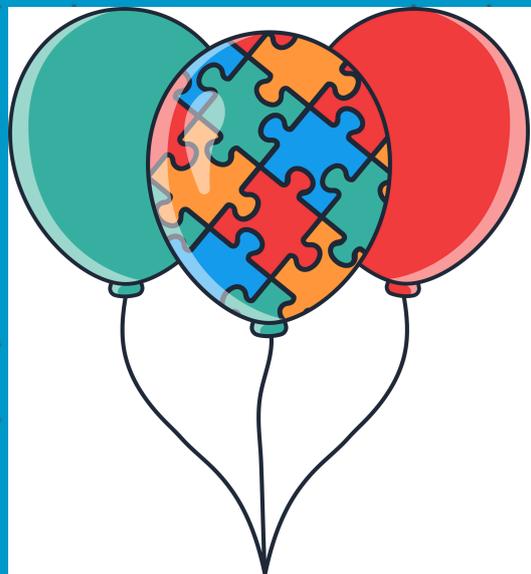
Jogos que exigem atenção e memória, como memorizar sequências de cores ou padrões, podem ser benéficos. Isso desafia os alunos a controlar seus impulsos, prestar atenção e seguir as instruções para completar a atividade com sucesso.



Faz-de-conta

Brincar de faz-de-conta é riquíssimo, pois as crianças assumem papéis onde necessitam inibir os seus comportamentos para agir de acordo com os personagens.





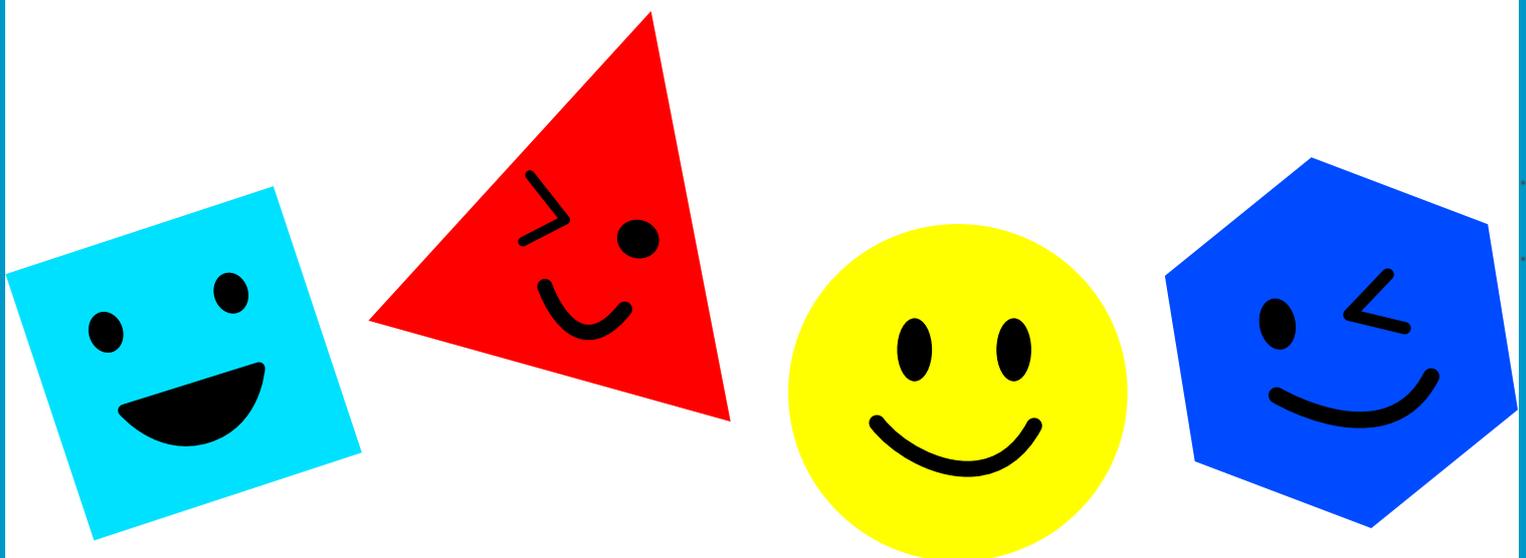
Brincadeiras como vivo ou morto, dança das cadeiras e esconde-esconde fazem as crianças esperarem sua vez, seguirem regras, controlar o corpo e muito mais.

O jogo de tabuleiro LINCE é um sucesso no quesito controle inibitório, pois é necessário muita atenção para procurar as imagens no tabuleiro, controlar a ansiedade e a competição.

Tapa certo é um jogo onde é necessário atenção para as figuras que aparecem para dar o tapa no momento correto.

Essas atividades podem ser adaptadas de acordo com as necessidades individuais dos estudantes e podem ajudar a melhorar o controle inibitório e outras habilidades cognitivas importantes.

Os jogos sugeridos podem ser adaptados aos conteúdos trabalhados em sala de aula, como cores, formas, letras, números, operações matemáticas, entre outras.



Autorregulação

As emoções podem ser entendidas como componentes essenciais do kit de sobrevivência com o qual nascemos equipados. Podem ser consideradas agradáveis, como a alegria e o amor, mas também podem ser desagradáveis de sentir, como a tristeza e a raiva. As emoções básicas são: alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa. Todas as emoções são importantes e precisam ser validadas. A medida em que as crianças têm mais conhecimento sobre suas emoções e conseguem identificar nos outros, melhor será a sua capacidade de regulá-las. A regulação emocional é a capacidade de sentir todas as emoções em diferentes intensidades e se autorregular quando elas estão em níveis muito altos ou muito baixos, voltando a um estado de bem-estar,

Autorregulação

permitindo a adequação da tomada de decisões e a resolução de problemas, sem causar prejuízos na vida do indivíduo. Controle inibitório e autorregulação emocional embora sejam conceitos distintos, estão inter-relacionados, pois tanto o controle inibitório quanto a autorregulação emocional são componentes importantes do desenvolvimento socioemocional saudável de uma criança. Ambos desempenham um papel crucial na capacidade da criança de interagir efetivamente com o ambiente e com os outros.

Autorregulação

No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a autorregulação pode ser afetada, levando a desafios significativos na regulação emocional, comportamental e sensorial. Crianças com TEA podem apresentar dificuldades em regular suas emoções, lidar com mudanças, manter a atenção e se adaptar a novas situações, o que pode impactar seu funcionamento diário e interações sociais.

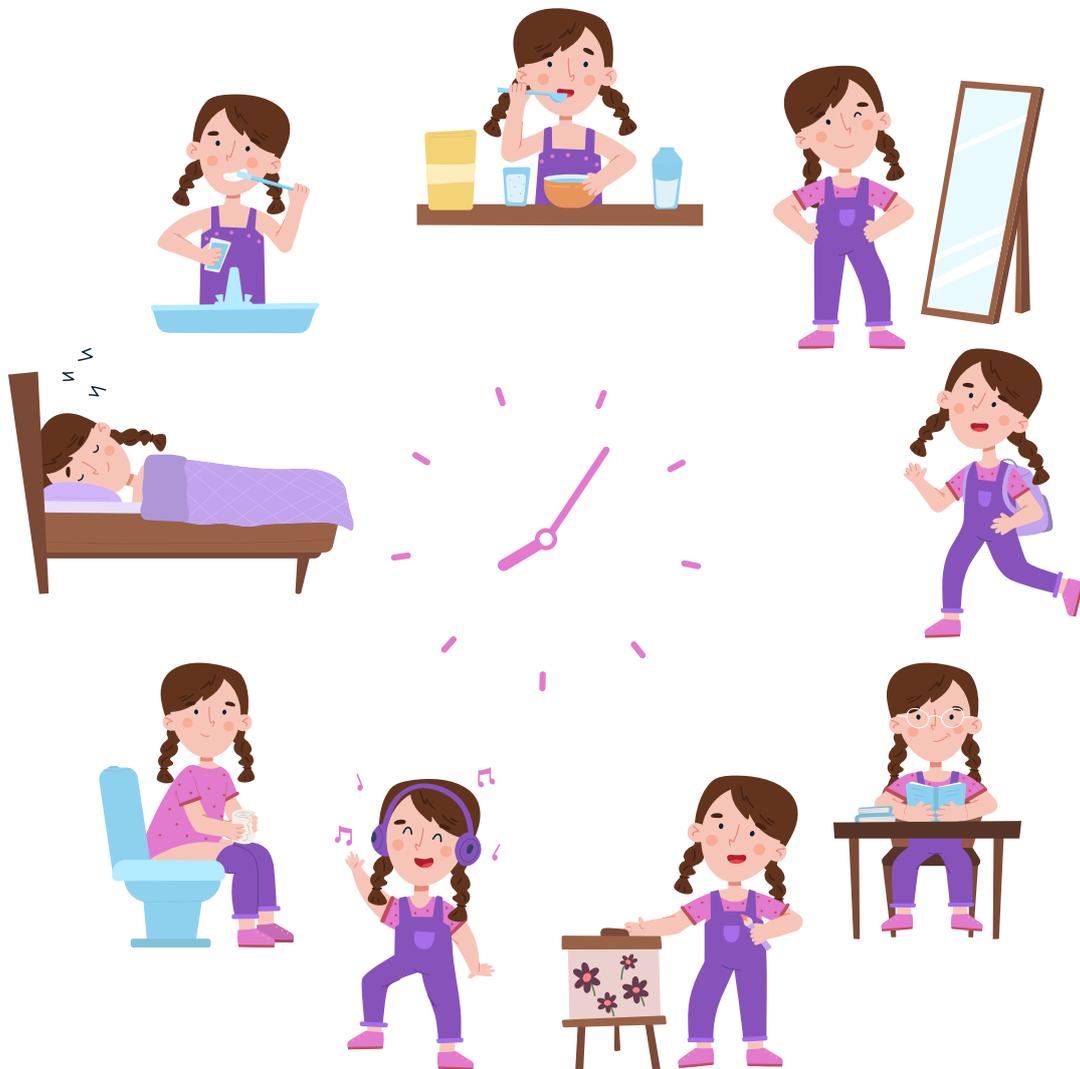


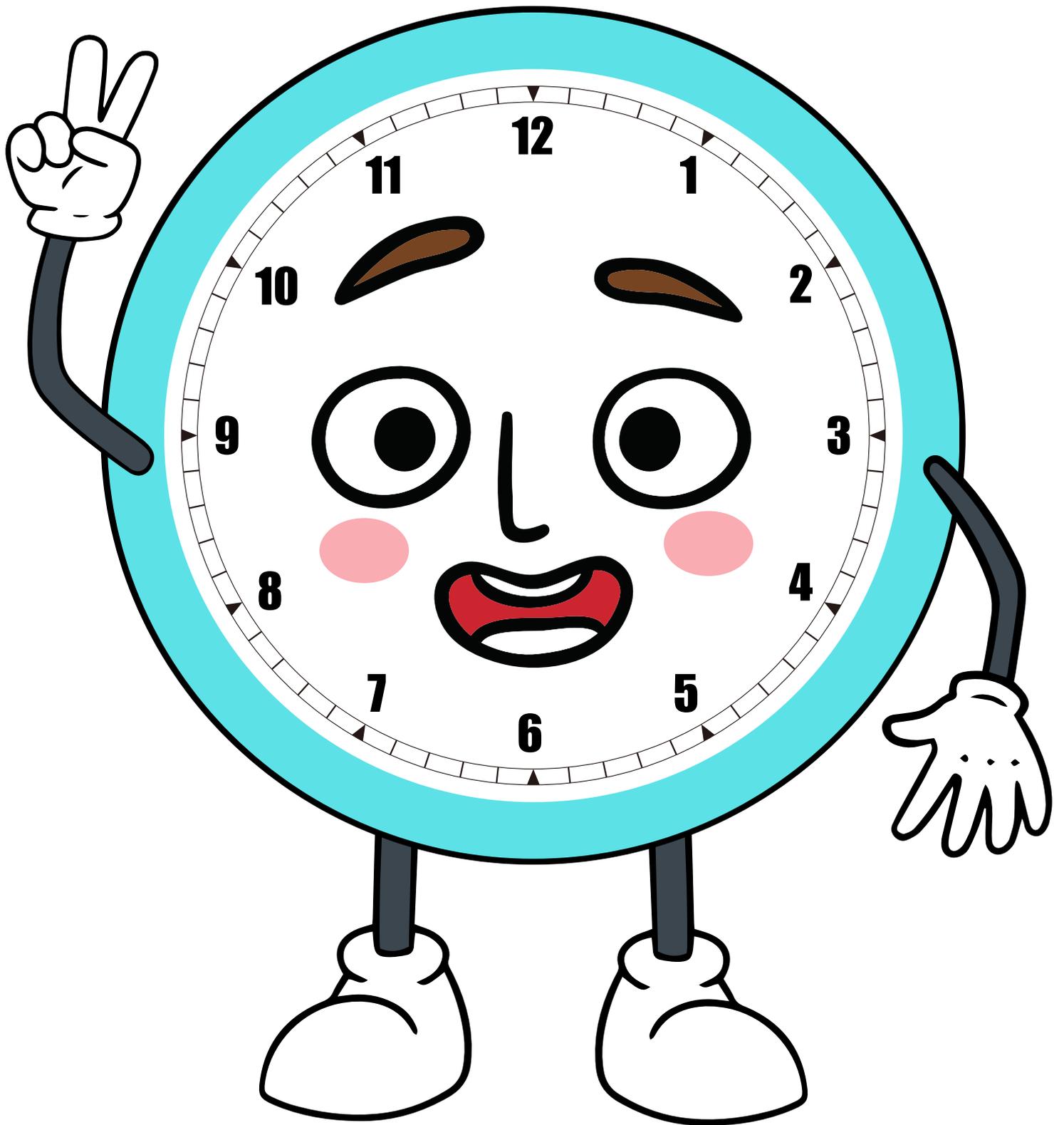
Apresentamos aqui 4 atividades que o professor pode realizar em sala de aula para trabalhar a autorregulação emocional em estudantes dos anos iniciais, especialmente aqueles com Transtorno do Espectro Autista. Essas atividades podem ser adaptadas de acordo com as necessidades individuais de cada estudante.



Rotina visual

Utilize um quadro visual com imagens ou símbolos representando a rotina diária da sala de aula, ajudando os alunos a antecipar as mudanças e transições, o que pode reduzir a ansiedade e melhorar a autorregulação.





A rotina pode ser utilizada não somente de uma maneira ampla, mas também como um passo a passo (sequência didática) das tarefas e/ou atividades necessárias ao longo do dia. Como exemplo podemos destacar a rotina do banheiro.

VAMOS AO BANHEIRO



ARTE: NEIMER GIANVECHIO / PROJETO INTEGRAR - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - 27/05/2014

PROIBIDA A VENDA | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | www.autismoprojetointegrar.com.br

Estações da calma

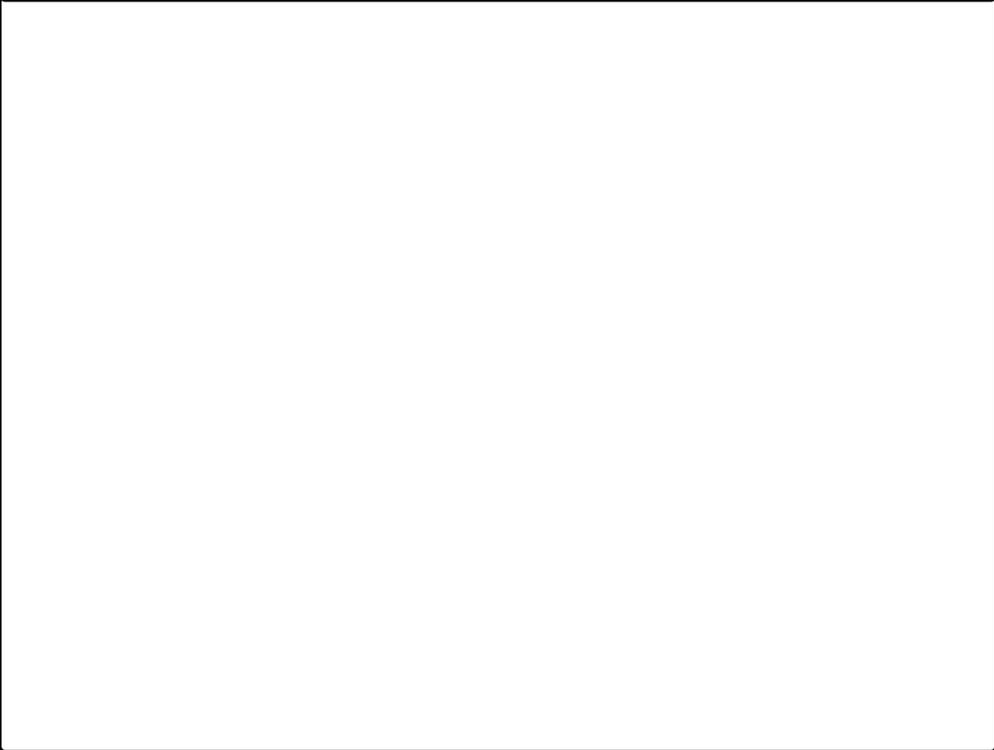
Crie espaços na sala de aula designados para momentos de relaxamento e autorregulação. Pode incluir almofadas, livros sensoriais ou atividades de respiração para ajudar os alunos a se acalmarem quando estiverem sobrecarregados emocionalmente.



Diário das emoções

Incentive os alunos a manterem um diário de emoções, onde possam desenhar ou escrever sobre como se sentem. Isso pode ajudá-los a identificar e expressar suas emoções, promovendo a consciência emocional e a autorregulação.

Meu registro de emoções diárias



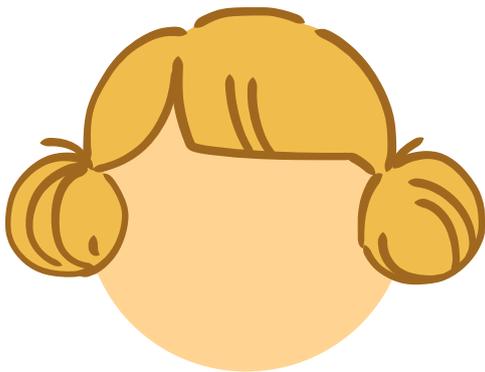
Desenhando as
EMOÇÕES



Alegria



Tristeza



Raiva



Medo



Nojo



Surpresa

Tempo de pausa sensorial

Introduza pausas sensoriais ao longo do dia, incluindo atividades como pressionar uma bola de massagem, brincar com massinha ou escutar música calmante. Essas pausas podem ajudar os alunos a regular suas emoções e se concentrarem melhor nas tarefas.



Músicas repetidas

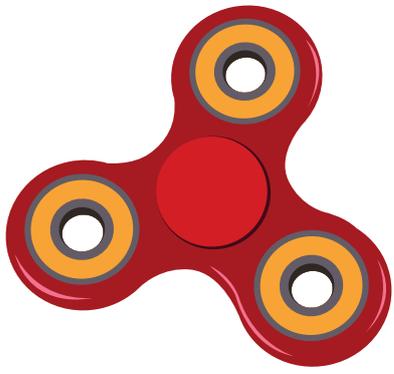
Algumas pessoas buscam uma sensação de conforto e segurança ouvindo as mesmas músicas ao longo do dia. Em momentos/ fases de mudança essa necessidade pode aumentar. O professor pode utilizar essas canções para criar um ambiente minimamente confortável para seu estudante.



Headphones ou abafadores



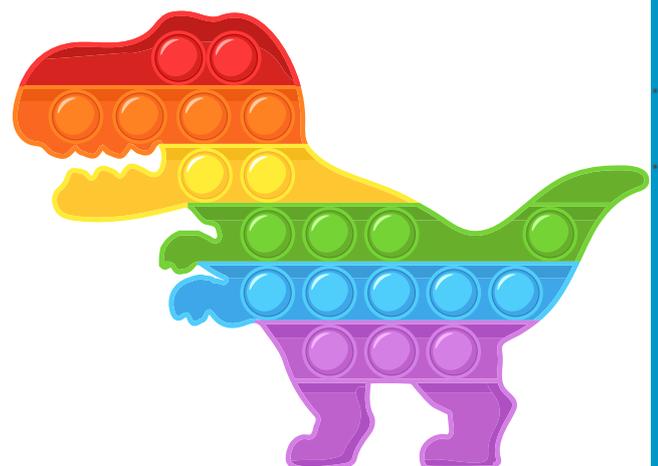
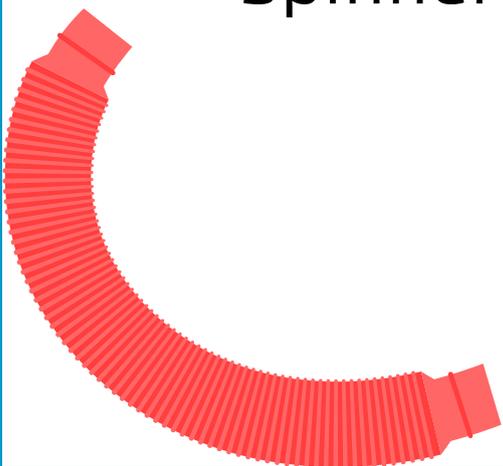
Como mencionado anteriormente, ouvir músicas pode auxiliar na autorregulação e concentração. No entanto, o uso de headphones também tem a função de cancelar ou minimizar os ruídos do ambiente. Os abafadores e headphones podem ajudar a reduzir estímulos sensoriais excessivos, criando um ambiente mais tranquilo e controlado, o que, por sua vez, pode diminuir o estresse e sobrecarga sensorial, permitindo que o estudante se concentre melhor em suas tarefas e atividades. É crucial levar em consideração as preferências individuais de cada estudante autista em relação ao uso desses dispositivos.



Fidget toys

Brinquedos destinados a apertar, morder e balançar são frequentemente empregados para reduzir a ansiedade e auxiliar pessoas neurodivergentes a lidar com situações como filas e outros desafios sociais ou acadêmicos. Dentre esses brinquedos sensoriais, podemos destacar:

- Pop It;
- Cubo infinito;
- Pop tube;
- Polvo de pelúcia;
- Squish;
- Spinner;



Uso do hiperfoco

Nem todas as pessoas com TEA manifestam intenso interesse por algum tema específico. Porém, se esse for o caso, reserve um tempo para se dedicar ao hiperfoco do seu estudante. Utilizar o hiperfoco a favor da aprendizagem faz com que as novas informações sejam agregadas às experiências vividas. Ou seja, inserindo informações através de atividades de interesse da criança, respeitando seu repertório e motivando-a.

Em momentos desafiadores e estressantes também é possível utilizar o hiperfoco para trazer uma sensação de ordem e calma.

Uso do hiperfoco

Entre uma atividade acadêmica e outra, pausas para o hiperfoco são divertidas, relaxantes e recarregam as energias do estudante.

Não é recomendado o uso do hiperfoco como uma estratégia para deixar o estudante quieto e longe do contexto social, pois isso restringe o repertório de interesses e diminui as oportunidades de aprendizagem de outros temas e atividades.

Comunicação aumentativa e alternativa (CAA)

A comunicação aumentativa e alternativa (CAA) refere-se a estratégias e técnicas utilizadas para auxiliar pessoas com dificuldades na fala ou na comunicação verbal a se expressarem. Isso pode incluir o uso de símbolos, imagens, gestos, tecnologia assistiva, entre outras formas não verbais de comunicação.



Dicas práticas

Quando fornecer alguma instrução, proponha pistas verbais e visuais, pois auxiliam na memorização e consolidação da informação.

Exemplo: Ao solicitar que faça alguma atividade específica, oriente verbalmente, bem como utilize o quadro de rotina com desenhos das tarefas do dia. Apontar para o quadro para que possa recordar o que precisa fazer.

Ganhe a confiança e conheça o interesse do estudante, use isso a favor do ensino;

Utilize pares típicos (colegas de sala) como tutores para auxiliar o estudante sempre que possível;

Dicas práticas

Utilize suportes visuais, interativos, lúdicos e concretos (fotos, figuras, objetos reais) para melhor compreensão do conteúdo e facilitar a aprendizagem;

Após a instrução da tarefa, solicite que a criança repita o que foi pedido. Essa estratégia auxilia a manter a informação na memória de trabalho;

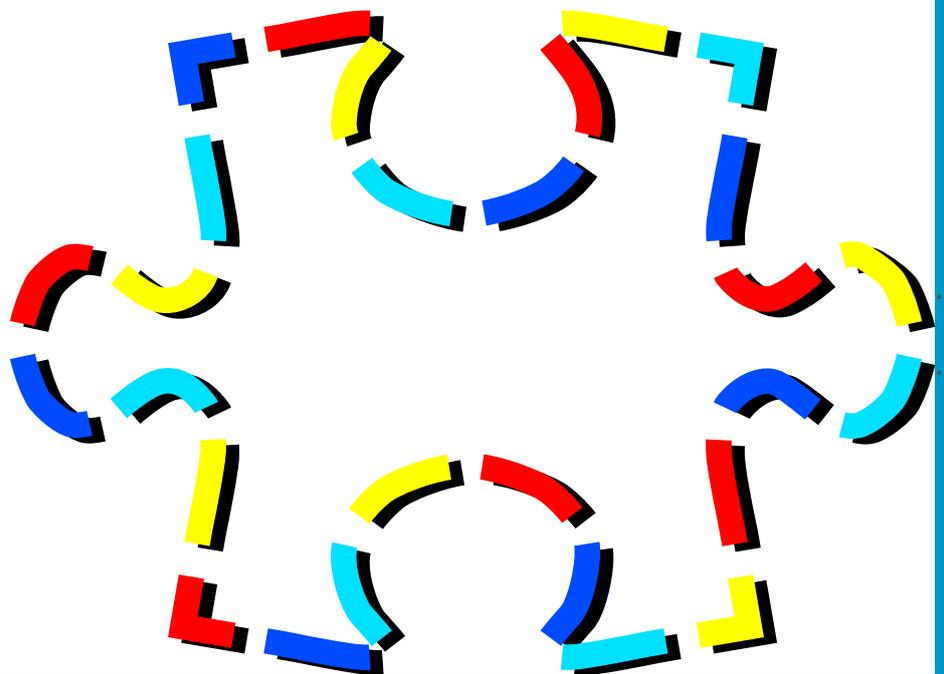
Após a criança realizar a tarefa, enfatize o esforço dela: "que legal, eu vi que você realizou a tarefa";

Evite instruções e atividades longas;

Evite o excesso de estímulos visuais e distratores em sala de aula;

Dicas práticas

Seja o modelo: No início mostre como se faz determinada tarefa, dê suporte e, ao longo, promova maior autonomia, deixando que ela possa fazer sozinho;



Sugestões de recursos

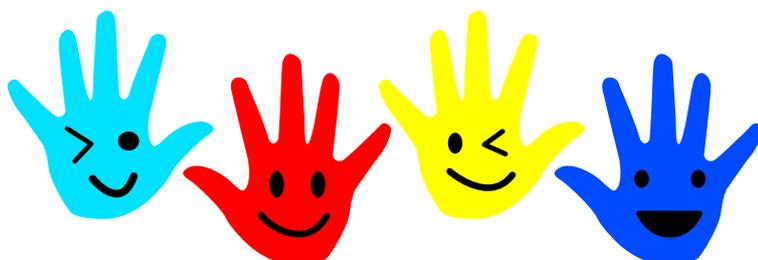
Com mediação do professor os recursos que apresentaremos a seguir podem potencializar a aprendizagem dos estudantes em questão.

Sala de Recursos Revista

Site interativo elaborado e alimentado por professores de Salas de Recursos do Distrito Federal, repleta de artigos, legislações, documentos e materiais pedagógicos adaptados. O projeto iniciou com os professores de Sala de Recursos de Sobradinho.

Acesse:

<https://saladerecursos.com.br/>



Sugestões de recursos

ABC Autismo

O aplicativo ABC Autismo foi desenvolvido pelo Instituto Federal de Alagoas e consiste em um jogo que aproxima crianças com TEA da alfabetização, O app funciona com níveis voltados para letramento, aprendizagem de leitura, formação de palavras e conhecimento de vogais. Está disponível em português, inglês e espanhol.

Acesse:

<https://abc-autismo.br.uptodown.com/android>

Sugestões de recursos

Expressia

O aplicativo auxilia indivíduos com Autismo, Paralisia Cerebral, Trissomia 21, entre outros, por meio da utilização de pranchas de comunicação para a comunicação alternativa e estimulação cognitiva. O Expressia se destaca pela acessibilidade e personalização das tarefas e pranchas, utilizando imagens, sons, letras e recursos audiovisuais para cativar a atenção dos usuários. Sua interface é simples e intuitiva. Essa ferramenta, com tecnologia 100% nacional, oferece a função de Comunicação Alternativa de forma gratuita.

Acesse:

<https://expressia.life/>

Sugestões de recursos

Jade APP

É uma plataforma com jogos para crianças e adolescentes com autismo, dificuldades de aprendizagem e outros diagnósticos, como dislexia e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Esse app foi planejado por profissionais especializados com o objetivo de estimular as funções cognitivas dos jogadores de forma gamificada e divertida. Grande parte das atividades são disponibilizados gratuitamente.

Acesse:

<https://www.jadeautism.com/jade-app>

Sugestões de recursos

PECS BRAZIL

O PECS é um sistema único de comunicação alternativa/ aumentativa desenvolvido nos EUA em 1985 por Andy Bondy, PhD, e Lori Frost, MS, CCC-SLP. O protocolo de ensino do PECS é baseado no livro de B.F. Skinner, Comportamento Verbal, e análise de comportamento aplicada do amplo espectro.

Acesse:

<https://pecs-brazil.com/sistema-de-comunicacao-por-troca-de-figuras-pecs/>

Assistiva - Tecnologia e Educação

Site que tem como principal objetivo promover a inclusão de pessoas com deficiência por meio da prestação de serviços nas áreas da Educação, Saúde e Tecnologia Assistiva.

Acesse:

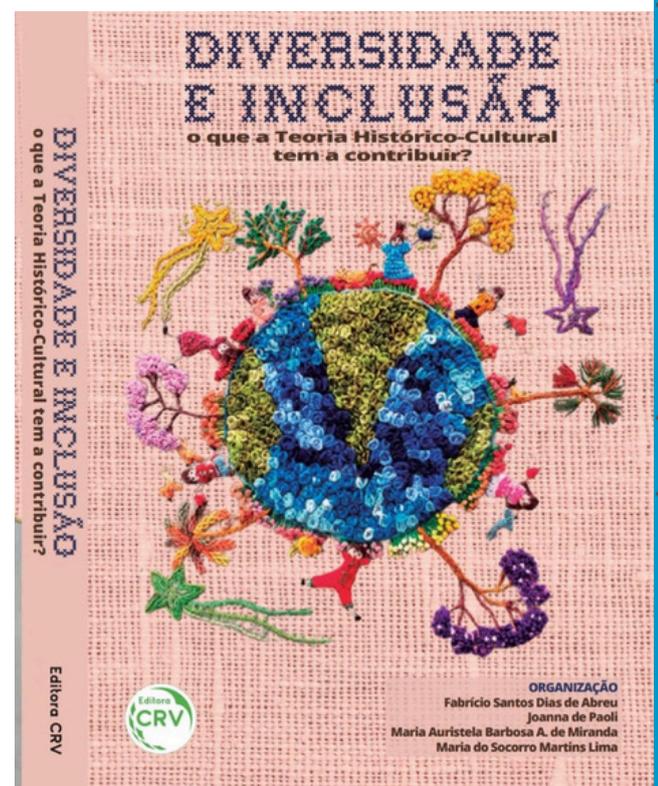
<https://www.assistiva.com.br/index.html>

Sugestões de recursos

Livro: Diversidade e inclusão - O que a Teoria Histórico-Cultural tem a contribuir?

O livro conta com 18 capítulos, cada um deles escrito por especialistas da área. Todos os artigos tratam de práticas educativas a partir da Teoria Histórico-Cultural no desenvolvimento da pessoa com deficiência ou Transtorno do Espectro Autista.

ORGANIZAÇÃO: Fabrício Santos Dias de Abreu, Joanna de Paoli, Maria Auristela Barbosa A. de Miranda, Maria do Socorro Martins Lima.



Sugestões de recursos

Livro: Como brincam as crianças com autismo

A criança com autismo constantemente é lembrada pelo que ela não consegue, por suas dificuldades, como se o diagnóstico fosse maior que sua própria condição humana. Este livro propõe justamente um caminho inverso, um novo olhar sobre o desenvolvimento da criança com autismo, mas especificamente uma visão ampliada sobre os processos simbólicos que emergem nas brincadeiras de faz de conta.

Autoras: Daniele Nunes Henrique Silva e Maria Angélica da Silva



Construindo o relatório

A necessidade de registrar o desenvolvimento do aluno justifica-se pela “precariedade” da memória humana que não é rigorosa, enquanto a linguagem escrita, mais reflexiva, dispõe-se como arquivo da evolução do aluno por reconstituir o crescimento vivenciado, sua interação com professores e colegas e sua convivência social no ambiente escolar.

A construção desse relatório deve ser fundamentada em coerência com uma avaliação consensual e contínua. É fundamental que o professor se conscientize de que o aluno está em processo e nada pode ser considerado definitivo, uma vez compreendida a aprendizagem como fenômeno dinâmico e transformador.

Tem por objetivo levar o educador a acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno e intervir com pertinência, no sentido de contribuir para seu desenvolvimento integral.

Funções do relatório

Para o estudante – os benefícios do seu acompanhamento e ampliação das suas potencialidades;

Para a escola – documental;

Para o próprio professor – autoavaliação, avaliação do seu trabalho, enriquecimento e registro;

Para o sistema educacional e outros setores da escola – conhecer quem é esse estudante, manter o registro e documentar o futuro do aluno.

Esteja ciente de que seu olhar permitirá que as pessoas conheçam e, assim, favoreçam o crescimento dos alunos descritos nos relatórios. Este documento deverá revelar a própria identidade do estudante em termos do seu desenvolvimento e das relações sociais consigo, com os outros e, principalmente, com o educador.

Orientações para redações dos relatórios

- O ato de escrever deve ser precedido pelo ato de pensar. De tal modo que antes de iniciar, o professor deve ter elaborado e ordenado suas ideias, para poder dedicar-se a sua redação. Registrando com objetividade o processo vivido pelo aluno, suas conquistas e descobertas;
- Ao redigir um relatório, deve-se procurar colocar as informações de maneira clara e objetiva, porém devem-se evitar frases afirmativas: “O aluno é agressivo”. Escrever: “O aluno, em algumas situações, (se possível especificar) apresenta comportamentos agressivos”;

Palavras a serem evitadas

- Adjetivos comparativos: Aluna é a mais danada;
- Adjetivos superlativos: Aluna é levadíssima;
- Palavras de significados extremos (advérbio de intensidade): O aluno nunca faz;
- Palavras atenuantes: A aluna parece agitada;
- Julgamentos que devem ser aferidos por médicos ou psicólogos: A criança é hiperativa;
- Generalização: A criança tem dificuldade na aprendizagem de conhecimentos;
- Descrições estáticas, juízos de valor e rótulos: O estudante é, não sabe, não consegue;

Sugestões de verbos que podem auxiliar na elaboração do relatório

Demonstrar, identificar, interessar, empregar, discernir, reconhecer, valorizar, construir, avançar, desafiar, criar, observar, montar, estabelecer, classificar, comunicar, utilizar, agir, distinguir, participar encontrar, habilitar, propor, revelar, preparar, sugerir, elaborar, colaborar, instruir, apresentar, dirigir, oferecer, auxiliar, atingir, contribuir, criar, ampliar, perceber, perguntar, traçar, orientar, atender, enriquecer, construir, proporcionar, realizar, completar, levantar, definir, alcançar, compreender, ler, reagir, seguir, despertar, analisar.

Relatório pedagógico na perspectiva da avaliação formativa

A avaliação formativa desempenha um papel crucial no desenvolvimento biopsicossocial dos estudantes, pois vai além da simples mensuração de conhecimentos. Ela proporciona feedback contínuo e oportuno, permitindo que os estudantes, professores e família compreendam as áreas de força e onde precisam melhorar. Ao integrar aspectos cognitivos, emocionais e sociais, a avaliação formativa ajuda a promover um ambiente de aprendizado mais inclusivo e colaborativo.

Para o desenvolvimento biopsicossocial, é essencial que o professor observe e valorize o progresso individual, reconhecendo que cada estudante possui um ritmo e estilo de aprendizagem únicos.

Ao considerar fatores emocionais e sociais, o educador pode adaptar suas estratégias para apoiar não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar emocional e as habilidades sociais dos estudantes.

Essa abordagem formativa fomenta a autoconfiança e a autonomia, incentivando os estudantes a se envolverem ativamente em seu próprio processo de aprendizado. Além disso, ao criar um diálogo constante entre professor e aluno, promove-se um ambiente de confiança e respeito mútuo, essencial para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Portanto, a avaliação formativa não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas um meio de promover o crescimento global dos estudantes.



Pensar em inclusão escolar é pensar no ser humano em sua totalidade. É reconhecer que a partir do momento que a escola é para todos, ninguém pode ficar de fora deste espaço, pois é justamente na escola que a criança com deficiência, desde cedo, terá possibilidades de aprender e de conviver com as demais pessoas sem deficiência, se constituindo sujeito. A inclusão escolar é a garantia do direito de igualdade, é respeitar e fazer valer os direitos humanos.

MARIA ANGÉLICA DA SILVA

Referências bibliográficas

ALENCAR, G. A. R.; YAEGASHI, S. F. R.; CIRINO, R. M. B. *Educação inclusiva: Articulações teórico-práticas no contexto do PROFEL*. Rio de Janeiro, 2023.

CARDOSO, C. et al. *Como estimular as habilidades executivas e emocionais em crianças tempos de pandemia? Orientação e dicas para pais e responsáveis de crianças de 5 a 12 anos*. Universidade Feevale, 2020.

FERREIRA, D. N. *TrilhaTEA: Trilha formativa para professores que atuam com estudantes autistas*. Ponta Grossa, 2022.

Referências bibliográficas

LAGE, S. R. M., LUNARDELLI, R. S. A., & KAWAKAMI, T. T. *O capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia*. *Encontros Bibli*, v. 28, p. e93040, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e93040>

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. *Diretrizes Pedagógicas e Operacionais para as Instituições Educacionais e Parceiras que ofertam Educação Infantil*. Brasília:SEEDF, 2022.

VEIGA, I. P. A. *Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata*. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas: Papyrus, 2008. p. 267-298.